



# Cartas de Paris

*De acordo com os textos  
da Gazeta de Notícias*



LIVROS DO BRASIL

## I

Eu não direi, como Lord Beaconsfield, que «no mundo só há de verdadeiramente interessante Paris e Londres, e todo o resto é paisagem». É realmente difícil considerar Roma como um ninho balouçando-se no ramo de um ulmeiro, ou ver apenas no movimento social da Alemanha um fresco regato que vai cantando por entre as relvas altas.

Não se pode negar, porém, que a multidão contemporânea tende para esta opinião do romanesco autor de *Tancredo* e da guerra do Afeganistão: nada vê no universo mais digno de ser estudado e gozado do que a sociedade, essa coisa cintilante e vaga que pode compreender desde as criações da arte até aos *menus* dos restaurantes, desde o espírito das gazetas até ao luxo das librés — e, muito racionalmente, corre a observar a sociedade, a penetrar-se dela, onde ela é mais original, mais complexa, mais rica, mais pitoresca, mais episódica, em Paris e em Londres: ao resto da Terra pede apenas cenários de Natureza, relíquias de arte, trajes e arquitecturas...

Em Roma contempla os ornamentos do passado — o Coliseu e o Papa; em Madrid interessam-no só os Velázquez e os touros; ninguém viaja na Suíça para estudar a constituição federal ou a sociedade de Genebra, mas para embasbacar diante dos Alpes. E assim, para a turba humana, mais impressionável que crítica, o mundo aparece como uma decoração armada em torno de Paris e

Londres, uma curiosidade cenográfica que se olha um momento, pedindo-se logo toda a atenção na tragicomédia social que palpita ao centro.

Isto é uma superstição. Mas se, realmente, o mundo fosse apenas uma paisagem acessória — a devoção burguesa por Paris e Londres, residências privilegiadas da humanidade criadora, seria justificável: porque, na verdade, o interesse do universo está todo na vida, na sua luta, na sua paixão, no seu cerimonial, no seu ideal e no seu mal. O Sol, nascendo por trás das Pirâmides, sobre o fulvo deserto da Líbia, forma um prodigioso cenário; o vale do Caos, nos Pirenéus, é de uma grandeza exuberante; — mas todos estes espectáculos não-de ser sempre infinitamente menos interessantes que uma simples comédia de ciúmes, passada num quinto andar. Que há, com efeito, de comum entre mim e o monte Branco? Enquanto que as alegrias amorosas do meu vizinho, ou os prantos do seu luto, são como a consciência visível das minhas próprias sensações.

O grande Dickens, diante dos Alpes ou dos palácios de Veneza, punha-se a pensar com saudade nas tristes ruas de Londres, num rumor de fim de dia, e no prazer de surpreender as expressões de ansiedade, triunfo ou dor, nas faces dos que passam, alumiados pelo gás vivo das lojas. É que o melhor espectáculo para o homem — será sempre o próprio homem.

Se sobre a Terra só houvesse fachadas de catedrais ou vulcões flamejantes, a Terra parecer-nos-ia tão insípida como a Lua, ou (ainda que isto seja talvez exagerado) como a própria Lisboa. Por mais cantantes que sejam as águas correndo, por mais fresco e umbroso que se alargue o vale — a paisagem é intolerável, se lhe falta a nota humana, fumo delgado de chaminé ou parede rebri-lhando ao sol, que revele a presença de um peito, de um coração vivo.

Mas a verdade é que, fora de Paris e Londres, há também humanidade. São Petersburgo não forma só sobre a neve outra ondulação de neve; Berlim não é uma floresta com uma população de seiscentos mil castanheiros; em Lisboa mesmo se encontra, de vez em quando, um homem. Que importa! O mundo persiste em considerar essa humanidade de Berlim, de Lisboa ou São Petersburgo como um mero acessório da decoração, como aquele arabinzinho diminuto que os fotógrafos colocam sempre à base das ruínas de Palmira, ou como esses pastores vestidos de um farrapo de púrpura, que nos quadros do século XVII ornaram as paisagens ideais.

O que essa humanidade de província faz, diz, sofre ou goza — é-lhe indiferente. Não é a ela que vai ver, se visita os lugares que ela habita: o que lá lhe move a curiosidade apressada é algum monumento, algum panorama — a paisagem, como diz Lord Beaconsfield. Para o estrangeiro, Portugal é Sintra, a Alemanha é o Reno: até mesmo na ideia de Lord Byron, e de outros depois dele, o que estraga a beleza de Lisboa é a presença do lisboeta — como a mim o que me estraga a Alemanha é a presença do prussiano. Positivamente a multidão só reconhece uma sociedade — a de Paris e de Londres.

Mas, dentro em pouco, nem ruínas, nem monumentos haverá dignos de viagem; cada cidade, cada nação se está esforçando por aniquilar a sua originalidade tradicional, nas maneiras e nos edifícios, desde os regulamentos de polícia até à vitrina dos joalheiros — a dar-se a linha parisiense. No Cairo, cidade dos califas, há cópias do Mabile, e os ulemás esquecem as metáforas gentis dos poetas persas, para repetir os ditos do *Figaro*; o primeiro som que ouvi, ao penetrar as muralhas de Jerusalém, foi o câncã da *Bela Helena*, e saiu da habitação de um rabi, de um doutor da lei santa; nas margens do Jordão, sobre a areia doirada, que os pés de Jesus

pisaram, achei dois velhos colarinhos de papel, modelo Smith: bem sei que não pertenciam nem ao Salvador, nem ao Precursor, mas lá estavam, e despoetizavam suficientemente aquela ribas sagrada.

O mundo vai-se tornando uma contrafacção universal do Boulevard e da Regent Street. E o modelo das duas cidades é tão invasor que, quanto mais uma raça se desoriginaliza, e se perde sob a forma francesa ou britânica, mais se considera a si mesma civilizada e merecedora dos aplausos do *Times*. O japonês julga-se, na escala dos seres, muito superior ao Chinês, porque em Yedo já o indígena se penteia como o tenor Capoul, e lê Edmond About no original; enquanto que a China, obsoleta nas vetustas ruas de Pequim, ainda vai no rabicho e em Confúcio. E, ainda assim, nas margens do Amor já há fábricas de tecidos de algodão, como em Manchester.

Positivamente, inclino também para a ideia de Lord Beaconsfield: a originalidade viva do universo está em Paris e em Londres: tudo mais é má imitação de província. Por isso que a curiosidade pública é impelida para lá — dando ao resto do mundo apenas aquele olhar rápido que se tem para o fundo dos retratos, onde verdejam vagos de paisagem ou se perfilam linhas de um pórtico.

É por isso que ninguém que tenha o orgulho de se considerar ser racional prescinde de se informar diariamente de tudo que se passa em Paris ou em Londres, desde as revoluções até às *toilettes*, desde os poemas até aos escândalos.

O desejo mais natural do homem é saber o que vai no seu bairro e em Paris.

Que importa o que sucede na Ásia Central, onde os Russos se batem, ou na Austrália, onde há crise ministerial? O que se quer saber é o que fez ontem Gambetta, ou o que dirá amanhã o professor Tyndall.

E com razão: a Ásia Central e a Austrália não ensinam nada, e Paris e Londres ensinam tudo.

Tendo assim sacrificado suficientemente à regra, que quer que todo o escritor da raça latina nunca enuncie a sua ideia, ou conte o seu facto sem se fazer preceder de frases genéricas armadas em pórtico — creio que devo começar esta crónica falando hoje de Paris, capital dos povos e pátria genuína de Mr. Prudhomme...

O acontecimento saliente e comentado destes últimos dias é a manifestação do dia 23 de Maio. Lembra-se que há nove anos, nessa data, na semana sanguinolenta da derrota da Comuna, os regimentos de Versailles, invadindo Paris, numa demência de represálias, fizeram uma exterminação à antiga, fuzilando sem discernimento, pelos pátios dos quartéis, entre os túmulos dos cemitérios, sob o pórtico das igrejas, todo o ser vivo que era surpreendido com as mãos negras de pólvora e um calor de batalha na face.

*Trinta e cinco mil pessoas* foram aniquiladas nesta Saint-Barthélemy conservadora, nesta hecatombe da plebe, oferecida em sacrifício à ordem com o delírio com que o rei de Dahomey decapita tribos inteiras em honra do ídolo Gri-Gri, ou os Cartagineses imolavam uma mocidade, toda uma Primavera sagrada, para aplacar o mais cruel dos Baals, o negro e flamejante Moloch.

Onde foram sepultados tantos montões de cadáveres?... Apenas se sabe que parte foi arremessada à vala comum do Père-Lachaise.

Os anos passaram, e os vencidos de então são hoje cidadãos formidáveis, armados não da espingarda revolucionária, mas de um legal boletim de voto, e que, em lugar de erguer barricadas nas ruas, fazem deputados socialistas nas eleições.

No dia 23 de Maio, pois, aniversário do extermínio dos seus, preparavam-se eles para ir através das ruas de Paris, numa vasta procissão funerária, com coroas de perpétuas na mão, visitar essa lúgubre vala onde apodrecem os seus mortos.

O governo do sr. Grevy, porém, inquietou-se com este cerimonial, e, ou prometendo concessões ao velho mundo *communard* a troco da desistência desta pompa fúnebre (tão parecida com uma comemoração triunfal), ou ameaçando mandar carregar vinte mil homens contra o préstito e fazer assim recair sobre os chefes da manifestação a responsabilidade de um conflito civil — conseguiu que nesse dia a massa comunista ficasse chorando os seus mortos no silêncio das suas alcovas. Mas alguns exaltados, desatendendo a disciplina do partido, persistiram na demonstração lutuosa; e assim como de uma nuvem negra, que ameaça um dilúvio, só vêm a cair aqui e além algumas gotas de água, assim de toda aquela população que devia descer dos *faubourgs*, apenas se viram pelas ruas grupos de dez, quinze pessoas, dirigindo-se ao Père-Lachaise com a sua blusa nova, e a coroa de perpétuas na mão: somente por amor do símbolo, as coroas eram vermelhas.

Estes mesmos fragmentos de manifestação desagradaram ao Governo e à Prefeitura, e viu-se então um espectáculo bem próprio a regozijar o coração do homem livre: quando, no Père-Lachaise, onde se apinhavam batalhões de polícias, um homem se aproximava da vala a depor a sua coroa sobre a erva verde, um *sergent de vile* precipitava-se, verificava de sobrolho duro que as perpétuas eram escarlates, e arrastava o indivíduo ao cárcere; e se o cidadão, ignorando que sob a República é um crime chorar os mortos e ornar-lhes a sepultura, protestava com veemência, a polícia demonstrava-lhe, a pranchadas, que a República é um governo forte e contundente...

Mas, o que iam eles fazer ao Père-Lachaise com as suas perpétuas simbólicas, estes revoltados, estes exaltados, que em princípio abominam a religião e os seus cerimoniais?

O mais ilustre jornal do partido, o *Mot d'Ordre*, descrevia há dias uma festa no Sacré-Cœur nestes termos fantásticos: «Ontem havia, no Sacré-Cœur, uma reunião de indivíduos celebrando algumas cerimónias bárbaras em honra de um personagem esquisito e obscuro, vulgarmente designado pelo nome extravagante de Deus.» Ora parece extraordinário que indivíduos que possuem frases tão avançadas vão comemorar um aniversário de morte — da morte que não deve ser para eles mais que uma banal transformação da substância, com as tradicionais etiquetas do catolicismo; e que procedam, diante de um túmulo amigo, como se acreditassem que o corpo jaz ali intacto e paciente, sob as flores agrestes, esperando o toque do clarim do Juízo Final, enquanto a alma paira no éter místico, misturando-se à vida terrestre e gozando a oferta de símbolos saudosos...

Mas, mais estranho que tudo, é a influência do *vermelho* no ânimo da polícia, como entre nós nos temperamentos dos touros.

Pode até certo ponto compreender-se que uma bandeira vermelha, batendo o ar desfraldada, lembrando arrogantemente a insurreição, possa irritar a bÍlis de uma polícia bem organizada; mas onde está o crime de uma pobre coroa de perpétuas tingidas de vermelho?

Porque, como muito nitidamente o explicou o sr. Andrieux, prefeito da polícia, o que ofendeu a República e a Ordem foi a imprudência daquele escarlate! Se as perpétuas fossem amarelas, a República teria generosamente permitido a manifestação saudosa...

Logicamente, pois, uma rapariga que passe no *boulevard* com duas rosas vermelhas ao peito deve ser arrastada diante de um

conselho de guerra. A papoula torna-se um delito; e o rubor de uma face casta é ofensa à Constituição.

Quando o senhor prefeito da polícia corta o seu dedo augusto com o seu canivete oficial, que deve fazer em presença do escândalo do seu sangue vermelho? Algemar-se a si mesmo, e a si próprio arremessar-se à palha húmida das masmorras. Mas o verdadeiro culpado é o bom Deus, que prodigaliza o escarlate e as suas gradações nas flores, nas nuvens, e, se nos não mente a Bíblia, até nas túnicas dos seus serafins! Ao cárcere o bom Deus!

Esta extravagância do chefe da polícia é melancólica.

Na Inglaterra reúnem-se em Hyde Park, quinze, vinte mil pessoas em *meeting*, com toda a sorte de emblemas, estandartes e charangas, todas as cores que a Providência fez e ainda todas as que a indústria inventou; declama-se, uivam-se cantos sagrados e ímpios, atira-se velha hortaliça à face dos oradores, absorvem-se pipas de cerveja, e a formidável polícia inglesa, de braços cruzados, sorri com bonomia à orgia cívica. É que todas estas vociferações, e todas essas cores, deixam as instituições tão intactas e tão firmes como os velhos robles de Hyde Park; e, finda a hora do *meeting*, a grande massa dispersa com um sossego de fim de missa. Em França um grupo de homens vai em silêncio depor, sobre uma campa, flores de melancolia, e tudo treme, num receio que a forte República do sr. Gambetta cambaleie ferida no coração!

Realmente, Calígula e Carlos IX fazem às vezes saudades...

Era Alfredo de Musset que dizia nas suas patéticas estâncias à Malibran que, em França, quinze dias fazem de uma morte recente uma novidade. Talvez, quando é a Malibran que morre — um gorjeio de ave que se perde na noite. Mas, se o que desapareceu se chama Gustavo Flaubert e é o autor de *Madame Bovary* e da

*Educação Sentimental* — quinze dias ou quinze anos podem passar sobre essa perda, sem que a dor envelheça: sobretudo quando se pensa que esse poderoso artista, um dos maiores deste século, nos é estupidamente arrebatado no espaço de uma hora, por uma apoplexia, em plena força criadora, na véspera de terminar um livro supremo, em que pusera dez anos de trabalho, o melhor do seu génio, e a sábia experiência de uma vida inteira.

Não é para esta crónica o estudar Gustavo Flaubert. Só direi que a sua alta glória consistira em ter sido um dos primeiros, mais original em dar à arte contemporânea a sua verdadeira base, despreendendo-a das concepções idealistas do romantismo, apoiando-a toda sobre a observação, a realidade social e os conhecimentos humanos que a vida oferece. Ninguém jamais penetrou com tanta sagacidade e precisão os motivos complexos e íntimos da acção humana, o subtil mecanismo das paixões, o jogo dos temperamentos no meio social; e ninguém marcou tão vasta e penetrante análise numa forma mais viva, mais pura e mais forte.

As suas criações — Madame Bovary, Homais o farmacêutico, Leão, Frederico, Madame Arnoux —, pelo poder de vitalidade que ele lhes imprimiu, participam de uma existência tão real, quase tão tangível como a nossa. Quando o seu enterro, em Rouen, passava junto ao Sena, defronte de uma das lindas ilhas que ali verdejam, os que o acompanhavam paravam um momento a olhar, a mostrar-se o sítio na fresca ilha em que Madame Bovary passeava com Leão, como se estivessem vendo por entre a folhagem dos choupos a sua figura nervosa e ligeira, e o vestido de merino claro que ela levava aos *rendez-vous*.

*Madame Bovary* é hoje uma obra clássica e decerto o seu melhor livro. Quem a não conhece e a não relê — essa história

profunda e dolorosa de uma pequena burguesa de província, tal qual as cria a educação moderna desmoralizada pelos falsos idealismos e pela sentimentalidade mórbida, agitada de apetites de luxo e de aspirações de prazer, debatendo-se na estreiteza da sua classe como num cárcere social, correndo a esgotar de um sorvo todas as sensações e voltando delas mais triste como dos funerais da sua ilusão, procurando alternadamente a felicidade na devoção e na voluptuosidade, ansiando sempre por *alguma coisa de melhor*, e arrastando uma existência minada desta enfermidade incurável — o desequilíbrio do seu sentimento e da razão, o conflito do ideal e do real: até que uma mão-cheia de arsénico a liberta de si mesma!

Na *Educação Sentimental*, concebe esta ideia de génio: pintar numa larga acção a fraqueza dos caracteres contemporâneos amolecidos pelo romantismo, pelo vago dissolvente das concepções filosóficas, pela falta de um princípio seguro que, penetrando a totalidade das consciências, dirija as acções; e explicar por esta efeminação das almas, todas as instabilidades da nossa vida social, a desorganização do mundo moral, a indiferença e o egoísmo das naturezas, a decadência das classes médias, a dificuldade de governar a democracia...

*Salambô* é a prodigiosa reconstrução de um povo, de uma religião extinta, do violento e complicado mundo cartaginês: na *Tentação de Santo Antão*, de uma tão forte intuição, de uma erudição tão larga, pinta-nos tumultuosa a confusão mística de um cérebro de asceta, e atinge aí talvez a perfeição de uma forma tão viva, tão quente, tão elástica, que só a poderia comparar a uma carnação humana.

Particularmente, era o melhor dos homens. Tinha a nobre e santa faculdade de admirar sinceramente; era destes a quem um belo verso, uma figura elevada fazem humedecer os olhos

de ternura: só sentia indiferença pelo pedantismo triunfante, e a indignação só lhe vinha diante do egoísmo burguês.

Viajou longos anos, foi amado, foi ilustre. Mas, como disse Zola, o melhor das suas alegrias e das suas mágoas, teve-as dentro da sua arte. Era verdadeiramente um monge das letras. Elas permaneceram sempre o seu fim, o seu centro, a sua regra. Vivia nelas como numa cela, alheio aos rumores triviais da vida. Foi um forte. A sua província vai erguer-lhe uma estátua: e decerto nunca frente mais digna, modelada em mármore, reluziu à luz dos céus.